

História oral, memória e conflitos ambientais: as representações sociais em defesa pela terra no Sul de Santa Catarina

Oral History, memory and environmental conflicts: the social representations in support for land in Southern Santa Catarina

Elton Laurindo da Costa
Doutorando, PPGH-UFSC
eltonlaucos@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, procuramos – através das memórias dos agricultores envolvidos na luta contra a instalação de uma empresa mineradora no município de Içara (2003-2009) – refletir sobre as construções culturais em relação a terra e de suas relações históricas com este espaço. Dentro dessas narrativas, apresentamos considerações sobre os princípios que norteiam e sustentam suas críticas, contra instalação da mina, alicerçados em suas próprias trajetórias de vida. A metodologia da História Oral tem possibilitado trabalhar nas mais variadas dimensões da coleta de dados, contribuindo para o esclarecimento das significações que permeiam o problema e seus agentes, assim como as estratégias de organização do movimento ambiental.

Palavras-chave: História Oral; História Ambiental; Conflitos Ambientais.

Abstract: In this paper, we tried - through the memories of farmers involved in the fight against the establishment of a mining company in the city of Içara (2003-2009) - reflect on the cultural constructions in relation to land and its historic relationship with this space. Within these narratives, we present considerations on the principles that guide and sustain their criticism against the installation of the mine, grounded in their own life trajectories. The methodology of oral history has made it possible to work in various dimensions of data collection, contributing to the clarification of the meanings that underlie the problem and its agents, as well as strategies to organization of the environmental movement.

Key Words: Oral History, Environmental History, Environmental Conflicts.

Este artigo é parte do trabalho de dissertação de mestrado concluído na Universidade Federal de Santa Catarina em 2010. Naquele momento discutimos a formação histórica do conflito de agricultores contra a instalação de uma empresa mineradora de carvão – pertencente ao grupo empresarial Rio Deserto Ltda. – na região sul do Estado de Santa Catarina entre os anos de 2003 a 2009. Os agricultores das localidades de Santa Cruz e Esperança do município de Içara, juntamente com a participação de movimentos sociais e ambientalistas, organizaram o Movimento pela Vida contra a exploração de carvão naquela localidade. Neste trabalho discutiremos questões relativas a memória destes agricultores que atravessam suas narrativas, abrindo-se como uma possibilidade de produção histórica na

própria relação ao conflito estudado¹. Dentro dessas narrativas, apresentamos considerações sobre a formação das *memórias* do movimento, as relações dos agricultores com a terra, os princípios que norteiam e sustentam suas críticas, contra instalação da mina, alicerçados em suas próprias trajetórias de vida. Nesse sentido, apresentamos o quadro de narrativas, agricultores e agricultoras que ajudaram a construir o Movimento Içarense pela Vida, estabelecendo alguns apontamentos das representações da formação da crítica ambiental dos mesmos.

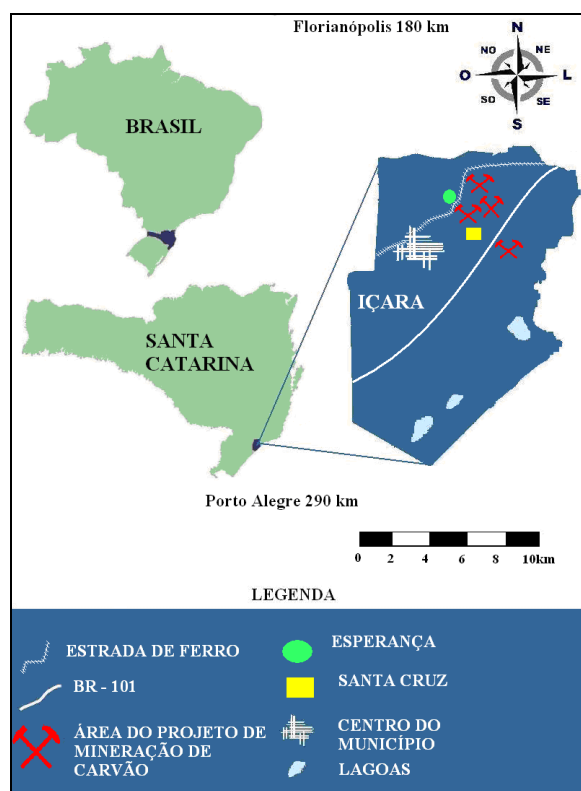


Figura 1

Localização de Santa Cruz e Esperança no município de Içara.

Fonte: figura adaptada pelo autor do site: <<http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br/>>. Acesso em 30 de novembro de 2009.

Geograficamente, as comunidades de Santa Cruz e Esperança situam-se na planície litorânea que pertence à Bacia do Rio Urussanga que corta o município de Içara. A localização dessas duas comunidades dentro dos limites do município de Içara está a cerca de

¹ Dissertação defendida em 25 de fevereiro de 2010, ver em: COSTA, Elton Laurindo da. Conflitos ambientais e memórias de agricultores de Içara – SC (2003-2009). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 133p.

180 quilômetros de Florianópolis e 290 quilômetros de Porto Alegre. Essa área é cortada pela Rodovia Federal BR- 101 e pela Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (FTC)² que serve para o transporte de carvão das regiões produtoras adjacentes, conforme a Figura: 01.

Segundo a historiografia regional, a localidade de Santa Cruz foi colonizada no início do século XX por descendentes de poloneses e logo se juntaram descendentes de italianos e açorianos vindos de outras localidades da região sul do estado de Santa Catarina. Já a localidade de Esperança foi colonizada por italianos, açorianos e poloneses, após a instalação da estrada de ferro Dona Teresa Cristina em 1920. Essas famílias conheceram a decadência dos engenhos de farinha, assim como o ápice da monocultura do fumo na década de 1960 e sua crise a partir da década de 1980 (MELLO, 2006). Depois da crise da monocultura do fumo, por volta do início da década de 1990, os produtores da região passam a gozar certa estabilidade econômica e social através da diversificação da agricultura, onde se começa a cultivar também milho, feijão, arroz e morango. Segundo dados oficiais, Santa Cruz e Esperança eram alagadas pelo Rio Esperança e foram drenadas no Projeto Pró Várzea para uso agrícola. O Rio Esperança, afluente do Rio Urussanga, este último, desemboca no Balneário Rincão, que fica na Área de Preservação Ambiental (APA) da Baleia Franca.

Nessa planície litorânea, são encontradas 174 propriedades agrícolas de subsistência, praticamente 1/4 do valor da produção agrícola de Içara está concentrado nessa região. Predominam no município as pequenas propriedades, com cerca de 20 hectares, centradas na mão-de-obra familiar e no contrato eventual de empregados assalariados na época da colheita do fumo. As propriedades rurais encontram-se bastante desenvolvidas no aspecto tecnológico, responsável pelos altos índices de produtividade. São considerados altos se comparados relativamente à média do Estado de Santa Catarina. Os moradores, pequenos proprietários, vivem em casas de alvenaria, com sanitário, telefone, energia elétrica e possuem carro para locomoção. Foram construídos 174 açudes que servem para contenção das águas em época de chuva, criação de peixes e para saciar a sede do gado. Existem cerca de 400 pequenas nascentes de água doce, que os agricultores chamam de “olho d’água”, vertente ou sanga,

² A Ferrovia Tereza Cristina S.A. é a concessionária da malha ferroviária sul catarinense, com 164 km de extensão opera na região carbonífera e cerâmica, interligando o sul de Santa Catarina ao Complexo Termelétrico Jorge Lacerda, em Capivari de Baixo, e ao Porto de Imbituba. Seu ramal foi constituído em 1997, a partir da privatização da extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Disponível em: <<http://www.ftc.com.br/>>. Acesso em: 07/12/2009.

originando um ecossistema próprio. Nessas propriedades, atualmente moram 300 famílias em um total de mais de 900 pessoas³.

Nesse sentido, utilizo a metodologia da História Oral para compreender as práticas e as representações dos sujeitos envolvidos em relação ao meio ambiente e suas noções sobre “ecologia”; em diálogo com a metodologia da História Ambiental refletindo sobre as práticas ambientais degradantes, seja no ambiente físico ou no campo teórico conceitual.

Neste momento, a presente pesquisa apóia-se no trabalho de Donald Worster (1995), para quem não é mais possível que historiadores continuem a considerar as relações humanas como separadas de seu meio ambiente, pois o homem é um ser que causou e causa conseqüências ecológicas no planeta através de sua história. Para esse autor a História Ambiental trabalha em três níveis:

- a) A história ambiental da natureza propriamente dita, compreendida como uma história natural e biológica do homem e sua inserção na natureza;
- b) A histórica ambiental do homem em relação à natureza através de seus usos e práticas, aonde se analisa os aspectos econômicos através da exploração dos recursos naturais;
- c) A história ambiental do homem em relação à natureza, em que estão envolvidos percepções, valores éticos e significações sobre o meio ambiente.

Na perspectiva destes três níveis de possibilidades, entendemos que para o presente objeto de estudo o problema é pensado no entrecruzamento dos discursos, significações e práticas sociais.

Desta maneira, parece imprescindível desenvolver uma história calcada nas inter-relações entre homem e meio ambiente. Uma história que possibilite entender não apenas os discursos ecológicos tão presente em nossos dias, e que parece ter sido importado de outras esferas da sociedade para esses movimentos sociais, mas entender como determinadas práticas sociais influenciam na produção de tais discursos.

Entender a história através de um viés ambiental tem início na década de 1970, período em que surgem movimentos ambientalistas em vários países e nas mais variadas áreas do conhecimento com compromisso moral e político em relação ao meio ambiente. Esse

³ Sobre esses dados ver CMI Brasil: Centro de Mídia Independente Contra a Mina de Carvão. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/11/268131.shtml>>. Acesso em: 07 de julho de 2007.

período é caracterizado pela produção de trabalhos que buscam analisar as relações entre o homem e a natureza⁴.

Precisamos compreender cada movimento em sua especificidade; nesse sentido, as pesquisas na área das ciências humanas e sociais têm encontrado dificuldades em caracterizar as especificidades da questão ambiental na perspectiva dos conflitos inerentes à distribuição dos recursos naturais, em particular a escassez de água ou problemas com o direito ao acesso a estes recursos.

Os conflitos atestam os valores ligados às práticas sociais, o modo como esses se afirmam ou contestam a distribuição do poder sobre o território e seus diversos recursos naturais, ou melhor, a ocupação do território reflete os poderes consolidados de uma sociedade. Esses poderes refletem *status* político, econômico ou militar. São poderes pessoais ou coletivos. Os valores podem justificar ações coletivas ou mesmo regular as relações sociais e pautar conflitos sociais. Essas disputas, de uma maneira geral, envolvem pessoas ou grupos cujas práticas se definem de acordo com suas ações específicas.

Outro aspecto importante a ressaltar é o aspecto interdisciplinar da História Ambiental. O diálogo com as ciências que tem como pauta o estudo do meio ambiente nos possibilita melhor compreensão da proposta de estudo. Para Marcos Fábio Freire Montysuma discutir a história do ser humano, de um espaço determinado, envolve também discutir o mundo não humano e, para tal, convém aos historiadores fazer interseções a outros conhecimentos, já tratados metodicamente por pesquisadores de outras áreas disciplinares (MONTYSUMA, 2005). Em minha proposta de trabalho teórico-metodológica, as disciplinas como ecologia, geologia, economia ou biologia, não são tratadas apenas como “auxiliares”, mas como objetos a serem problematizados na própria pesquisa.

Nesse sentido, se faz necessário entender o que às pessoas no evento estudado estavam entendendo por ecologia. José Augusto Pádua (2010, p. 126), afirma que a “ideia de ‘ecologia’ rompeu os muros da academia para inspirar o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global”. As construções – seja através dos relatos orais ou na documentação produzida – dessas ações em relação a todos os problemas gerados pela produção de carvão mantêm um

⁴ Ver SCHERER-WAREN, Ilse. Movimentos sociais rurais e o meio ambiente. In: IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente: textos básicos. Florianópolis, 19 a 23 de setembro, 1990.

importante diálogo com outras disciplinas necessárias ao nosso tratamento metodológico assentado na História Ambiental em interface com a História Oral.

O trabalho metodológico com os relatos orais tenta evitar a armadilha das narrativas de “memórias”⁵ que, muitas vezes, ao serem publicadas de forma como são narradas, não oferece outros suportes que as situem historicamente e, com frequência, tornam-se meros relatos curiosos. Essa metodologia, prima para o registro da memória, tentando perceber as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos dos indivíduos que compõem o universo rural onde colocam a subjetividade no conflito.

Nesse sentido, a História Oral se torna provocativa em apresentar significações, pois se pode observar o grande entusiasmo dos entrevistados em persuadir o entrevistador para a causa do seu movimento, o que vem ao encontro das interações apontadas pela História Oral entre entrevistador e entrevistado. É justamente neste aspecto que Alessandro Portelli (1996, p. 71) afirma que “uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua”. O que em certo sentido torna a História Oral uma importante e imprescindível ferramenta para a pesquisa, que ajuda a equacionar melhor a relação de construção do trabalho historiográfico.

Nesse aspecto, Marcos Montysuma chama a atenção para alguns aspectos em relação ao abuso de poder do entrevistador:

É necessário perceber que em nosso ofício, para que possamos exercitá-lo com o êxito de obter uma gravação com os ingredientes essenciais ao trabalho posterior, convém que reconheçamos a existência de uma relação de poder entre os sujeitos, entre entrevistador e entrevistado, mas jamais a supressão da palavra, da voz do outro (MONTYSUMA, 2006, p.120).

Essa preocupação com a metodologia da História Oral, ajuda na prevenção quanto a não supressão da palavra do outro, seja através de mecanismos de transcrições, que a pretexto de elucidar, clarear ou dar um real sentido ao texto falado e gravado, findasse por adulterar seu conteúdo, seja de fato falar pelo outro.

Aprender como é construída a própria narrativa do fenômeno, tanto como elementos de uma ação passada, como elementos de uma ação presente na construção dos fatos, a metodologia da História Oral vem ao encontro de todas essas interações, que são de grande

⁵ Nossas noções de memória estão embasadas nos trabalhos de Michel Pollak, ver POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº3, pp.3-15, 1989. POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº10, pp.200-212, 1992.

importância, pois contém em si elevada carga de significados que se pretende analisar. Dentro dos estudos das práticas e representações, a história oral está para o historiador, como o homem está para o meio ambiente, e nisso ocorre uma espécie de interação entre ambos, uma simbiose.

Portanto, coletar informações através da palavra gravada nos coloca de maneira privilegiada em proximidade com o cotidiano destes. Ressaltando, no entanto, que ao entrevistar estaremos operando na descontinuidade de seus pensamentos, percepções, modos de viver, de modo que percebemos recortes que efetuam, quando relatam suas histórias. Nessas percepções pessoais, procuramos analisar essa vivacidade que a história oral proporciona em sua metodologia.

Como lembra Verena Alberti (1990), que ao narrar o entrevistado expressa ali sua experiência pessoal, individualidade e singularidade, recheadas de emoções, reações, observações, idiosincrasias e relatos pitorescos, que procuram em seus próprios recortes dar coerência e continuidade ao vivido. Nessa linha, Marluza Marques Harres também chama a atenção para o uso das fontes orais, em que essas, podem nos fornecer um conjunto de “evidências subjetivas sobre os processos históricos e, dessa forma abrem a possibilidade de uma melhor compreensão a respeito das relações entre ação, consciência e constrangimento social” (HARRES, 2008, p.106). Essas autoras enfatizam a pertinência nos usos das fontes orais, considerando a reflexão metodológica como ponto crucial no tratamento das mesmas.

De acordo com Antonio Torres Montenegro (2010), a metodologia da história oral é importante na medida em que possibilita aos historiadores – através das experiências históricas de seus agentes – entenderem suas condições de produção, estratégias e ordenamentos discursivos. Nesse sentido, esse autor considera que mais importante do que pensar o relato em si, é as múltiplas formas de contá-lo e as estratégias que se inscrevem as narrativas nas experiências sociais de seus atores.

As ações humanas no cotidiano rural dos agricultores de Santa Cruz e Esperança são entendidas como um compartilhamento de experiências entre os sujeitos na construção do espaço, na disputa por ele, e por consequência na construção de toda uma narrativa que justifique a sua apropriação. Concordando com a ideia de Teresinha Gonçalves (2002, p. 19) de que “o sujeito projeta-se sobre o espaço do qual se apropria, produzindo uma identificação entre sujeito e espaço. Esta reflete o modo de vida daquele que o habita. O espaço assume, então, uma dimensão cultural e social que o sujeito internaliza e representa”. Mais do que um

espaço rural, os agricultores expressam um conjunto de possibilidades que dinamizam a ligação entre eles com a própria produção das condições da existência social e com as suas realizações culturais – os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, o modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e as formas de compartilhar a vida.

O senhor Tomaz Baldissera nos conduz ao seu universo de trabalho, ao seu cotidiano, as coisas que ele viu durante o tempo que passou em suas terras – para ele toda a modernidade que ele viu chegar ao campo fornece uma visão centrada em vários estágios de desenvolvimento para o próprio bem estar do homem no meio rural. Toda essa diversidade de representações apresenta formas específicas de produção de saberes, conhecimentos, valores, culturas por eles dominados, que no dizer do senhor Baldissera formam “uma história muito bonita” (BALDISSERA, entrevista citada). Percebemos sempre o passado narrado nas memórias destes agricultores como expressão de um sentimento em relação ao próprio futuro deles ou de seus filhos, em que se sintetiza na história por eles relatada. Outro exemplo, que faz uma clara ligação entre o passado em relação aos problemas do presente, e que projeta suas preocupações ao futuro é o relato do senhor José Luiz Alves:

Bom... eu nasci aqui, meu pai se criou a vida toda aqui, morreu aqui e deixou os filhos tudo trabalhando nas terras dele... e a gente pretende deixar para os filhos e netos, o que eles deixaram para nós neh...hoje tenho dois filhos casados e um solteiro, um já mora aí pertinho, outro vive comigo ainda, mas a gente pretende deixar um futuro para eles, porque é uma luta [...] ⁶.

Podemos perceber semelhantes representações em relação à narrativa do senhor Tomaz Baldissera e à do senhor José Luiz Alves, que também vê na instalação da mina um rompimento com a terra, e conseqüentemente um rompimento com o próprio passado. As histórias de seu José Luiz Alves só têm sentido enquanto existir a possibilidade de permanência de seus filhos em suas terras. Ele mesmo faz questão em demonstrar que existem filhos seus sobrevivendo das terras herdadas e que, para que as gerações continuem a usufruir as mesmas, é preciso afastar o perigo da empresa mineradora “porque é uma luta” (ALVES, entrevista citada), da mesma maneira, que o senhor Baldissera recebera a terra de seu pai, limpa, sem poluição, também quer repassá-la a seus filhos e netos. Se por um lado podemos

⁶ José Luiz Alves, 58 anos, agricultor. Residente da localidade de Esperança, município de Içara. Entrevista gravada por Elton Laurindo da Costa, Içara 18/04/2009.

perceber nos relatos uma continuidade de vida de geração em geração, usufruindo da terra, dos frutos do trabalho e da paz nas localidades, por outro lado esses relatos também apresentam uma ruptura no equilíbrio entre passado, presente e futuro. Nesse sentido, as histórias de Santa Cruz e Esperança também são atravessadas por um corte temporal que separa dois momentos distintos para seus moradores. O primeiro seria anterior a 2003, quando as comunidades “viviam” em uma relativa paz. O segundo momento seria após 2003, quando se iniciam os conflitos, diante da ameaça da exploração de carvão na região. Como bem expressa o senhor Nico Matiolla, ao rememorar o passado, refere-se à região como um lugar de tranquilidade, harmonia e bem-estar:

Então é assim a gente vivia numa paz tranquila, ninguém incomodava, era um paraíso que a gente vivia. Hoje a gente ta vivendo assim, não vou dizer num inferno, mais, deu uma incomodação, uma tensão muito grande... Tu pensa, o que o meu nono deixou para o meu pai, que deixou para mim, e eu quero deixar para o meu filho. E eu quero que meus filhos deixem para meus netos e assim sucessivamente. A família tava garantida no campo produzindo o alimento, pra quem ta na cidade e quem tava na agricultura tava vivendo tranquilo, porque, como eu falei antes, a nossa terra é o nosso emprego! E eles com a exploração do carvão vêm tirar o nosso trabalho. Nós não estamos pedindo emprego na mina, nos queremos a garantia de terra para garantir o futuro, pra continuar produzindo, vivendo em paz, deixar nossos filho no campo, que é a preferência deles, e ficar no campo trabalhando, que é muito bom⁷.

Como podemos observar, segundo ainda seu Matiolla, ao entrar em discussão a possibilidade de abertura da mina nas comunidades, a tensão começou a fazer parte do cotidiano dos agricultores envolvidos. Assim como o senhor José Luiz Alves, o senhor Matiolla também demonstra extrema preocupação com a herança das terras. Matiolla afirma que, assim como seu “nono” deixou as terras para seu pai, ele também quer deixar para seus filhos.

Os relatos aqui são entendidos pela sua vinculação com as questões inerentes à realidade do agricultor, ancorada na temporalidade e saberes próprios de suas histórias e trajetórias de vida. A terra, o trabalho e a família estão intimamente ligados aos valores desses agricultores e se constituem nas suas representações. Assim para seu Matiolla e seu José Luiz

⁷ Antonio Santos Matiolla. 49 anos, agricultor, casado com a senhora Adelaide Milack Matiolla, pai de três filhos. Residente da localidade de Santa Cruz, município de Içara. Considerado pelo Movimento Içarense pela Vida como sendo o principal líder, conhecido como “Nico” Matiolla. Entrevista gravada por Elton Laurindo da Costa, Içara 14/03/2009.

Alves, a terra representa o emprego, o sustento da família é fundamental na manutenção da tranquilidade e harmonia familiar: “A família tava garantida no campo produzindo o alimento, pra quem tá na cidade e quem tava na agricultura tava vivendo tranquilo, porque, como eu falei antes, a nossa terra é o nosso emprego!” (MATIOLLA, entrevista citada). Nesse sentido, como bem apontou Tedesco (1999), o agricultor não vê no presente apenas a terra, ele vê também a morada, a família e a comunidade, ele não pensa a terra apenas como um meio de produção, ele a tem como patrimônio a ser preservado e passado às gerações futuras por herança, onde valores como responsabilidades e respeito, que são garantidores da preservação das suas famílias visando à manutenção dos vínculos sociais com sua comunidade.

Pensando na vida rural, na terra, na família e no trabalho, o senhor Nelson Zachohenski nos mostra detalhes sobre suas histórias, a vida na comunidade, relatando minúcias que já demonstram um forte apelo ao seu passado. Ao falar da história de seu pai, de como eles realizavam o trabalho, o carrear um porco, o plantar as diversas lavouras, e por fim, como era a família em termos numéricos:

O meu pai... é! ele quando veio morava na Linha Ribeirão... da Linha Ribeirão veio pra cá, comprou metade do terreno, a outra metade, o pai deu pra ele neh... o pai foi e deixou para os filhos, agora os filhos se criaram, e já estão ficando velho neste lugar de novo, só que agora estão querendo estragar pra nós neh! Estão querendo estragar o nosso lado!(risos) (...) a nossa lavoura era milho, fumo, feijão, mandioca... era isso aí... a carne era a gente que fazia, naquela época eu me lembro nós carneava... era um porco, por semana (risos) ... era um porco por semana que era carneado rapaz! Bom naquele tempo tudo tinha família grande neh, não é igual a hoje, hoje uma familinha, é de um filho ou dois neh, naquela época era de oito pra cima neh, e aí agora já controlou um pouco, tu vê que agora, eu duas filhas, e o meu pai, oito! Então é assim, si criemo e estamos até agora aí neh... só que agora essa tal de mina, ta judiando muito!⁸.

Novamente, percebemos a projeção de um futuro incerto, que abala a paz fundada em sua história de vida, que cria angústias, incertezas e que “judia”: “Então é assim, si criemo e estamos até agora aí neh... só que agora essa tal de mina, ta judiando muito!” (ZACHOHENSKI, entrevista citada). A história, então, de seu Nelson ganha um significado não apenas em relação ao passado mas em relação ao presente e ao futuro, porque ao falar da

⁸ Nelson Zachohenski, 60 anos, agricultor e produtor de cachaça artesanal. Residente da localidade de Esperança, município de Içara. Conhecido como “Nersão”. Entrevista gravada por Elton Laurindo da Costa, Içara 11/04/2009.

mina, antes discute vários aspectos da sua cultura, apontando desde hábitos alimentares, constituídos na maneira de obter proteínas através da carne de porco, citando que “carneava um porco por semana” (ZACHOHENSKI, entrevista citada), e relatando aspectos da cultura familiar, refletindo a ocorrência de famílias numerosas, constituídas de oito filhos para cima.

Assim, entendemos que o movimento de agricultores gerado pela possibilidade de abertura de uma mina, no subsolo de suas propriedades é formado por pessoas que têm uma história, que participam de lutas sociais, com nome e rostos. Nesse sentido, os relatos apontam duas questões importantes: primeiramente nos ajuda a discutir através dessas memórias um passado cujos significados estão ligados a sistemas de valores alicerçados na terra e no trabalho. Este “passado” representado apresenta continuidade e coerência em sua construção histórica. A segunda questão a ser apontada e ligada à primeira coloca em destaque as frustrações referentes ao processo de abertura da mina, que vem quebrar seus valores que os ligam a terra pela ameaça da continuidade da cultura do lugar, que impossibilita a seus familiares darem continuidade a seus projetos de vida – uma vez que esses projetos se fundam na herança com seu próprio passado.

Ainda dentro de tais narrativas, apresentamos considerações sobre a formação das identidades do movimento reivindicatório, as relações dos agricultores com a terra, os princípios que nortearam e sustentaram suas críticas contra instalação da mina, alicerçados em suas próprias trajetórias de vida. As identidades foram colocadas como ligadas não apenas a um objetivo em comum – no caso a luta contra a instalação da mineradora na região – mas associadas a um conjunto de identificações que passam pela formação do *ethos* do agricultor. Essas identificações envolvem a história de vida dessas pessoas, que receberam as terras de seus antepassados, já falecidos, no seu cotidiano de trabalho naquela terra, uma identidade com a comunidade local onde interagem em sociabilidades.

Fontes

Entrevistas

ALVES, José Luiz. . Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 18 de abril de 2009.

BALDISSERA, Tomaz. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 28 de março de 2009.

MATIOLLA, Santos. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 14 de março de 2009.

ZACHOHENSKI, Nelson. Entrevista concedida a Elton Laurindo da Costa, Içara 11 de abril de 2009.

Referências

ALBERTI, Verena. Ouvir e Contar: Textos de História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1990.

ASCELRAD Henri (Org.). Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2004.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BURKE, Peter. A Escrita da História Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CAROLA, Carlos Renato. Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis. Editora da UFSC, 2002.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Trad. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.

FEBVRE, Lucien. O Reno: História, Mitos e Realidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FRANCO, Maria L. P. B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

FREITAS, Elisabeth Borges. O Movimento Popular de Rio Albina (Siderópolis). Monografia de Especialização em Educação Ambiental. Santa Rosa do Sul, UFSC-EAFS, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KARPINSKI, Cezar. Sobre as águas a memória: relações de poder e subjetividades durante a implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001). Dissertação (Mestrado) de Pós-Graduação em História. Florianópolis: UFSC, 2007.

- LAMARCHE, Hugles. *A Agricultura Familiar*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- LEFF, Enrique, *Construindo a História Ambiental da América Latina*. Esboços. Dossiê: História Ambiental, Florianópolis, vol. 13, nº13, pp.11-29, 2005.
- MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena. In: Espaço e cultura. UERJ, Nº 13, jan./jun./2002. pp. 35-46.
- MELLO, Elza Fernandes. *Içara: Nossa Terra, Nossa Gente*. Içara (SC): Gráfica Otomar, 2006.
- MILIOLI, Geraldo. *Mineração do carvão e desenvolvimento sustentado no sul de Santa Catarina: um estudo exploratório de percepção, valores e atitudes do meio ambiente num bairro do município de Criciúma*. Criciúma: Luana, 1995.
- MINOTTO, Daniela da Silva Lúcio. *Memórias do Cotidiano de Mulheres Agricultoras: Criciúma (1930-1950)*. Monografia de Pós-graduação em especialista em História Social e História Cultural. Criciúma: UNESC, 2005.
- MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um encontro com as fontes em História Oral. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, pp. 117-125, junho 2006.
- NASCIMENTO, Dorval do. *A Produção Histórica e Cultural da Região Carbonífera de Santa Catarina, 1880-1930*. In: GOULART FILHO, Alcides (org.) *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade futura, 2004.
- PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição: Pensamento Político e Ambiental no Brasil Escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- PHILOMENA, Gerson Luis de Bôer. *Cultura do carvão em Criciúma – SC: a história que não se conta*. Dissertação (Mestrado) de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Criciúma: UNESC, 2005.
- POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº3, pp.3-15, 1989.
- _____. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº10, pp.200-212, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Revista Projeto História, São Paulo: EDUC, nº. 14, p.1-279 fev. 1997.
- _____. *A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretações e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Rio de Janeiro: ed. Relume Dumará, Vol. 1, nº2, p.59-72, dezembro de 1996.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. RA'E GA : O espaço geográfico em análise. Curitiba: UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVA, Ana Cristina da. Mulheres que foram a luta: Participação feminina nas lutas sindicais dos mineiros de Criciúma entre 1986 E 1996. Monografia de Pós-graduação em especialista em História Social e História Cultural. Criciúma: UNESC, 2005.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, José Eli da. Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, nº. 8, pp.198-215, 1991.